

Turismo, lazer e museu - algumas reflexões¹

Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa²
Universidade Federal de Minas Gerais / FAPEMIG

Resumo

O museu, por muito tempo, tem sido visto como um espaço estático, destinado à preservação da memória da humanidade. Isso provavelmente é herança da noção de patrimônio cultural que foi construída por muito tempo nas sociedades, considerando-o apenas como bens móveis e imóveis que tivessem valor histórico ou artístico. Na atualidade os museus cada vez mais se abrem à visitação, possibilidades educativas e como espaço de lazer e fruição. Para o turismo, a reflexão sobre a importância desse espaço é importante, uma vez que se configura como atrativo, apresentando ao visitante as construções culturais de uma localidade. Entender a relação entre lazer, turismo e museus, espaços muitas vezes tidos como “intocáveis” e envoltos em uma aura de “sacralidade” para o senso comum, é pensar em maneiras mais prazerosas de promover a preservação do patrimônio, e entender o acesso à cultura, a fruição de obras de arte, como possibilidades ricas de significado no tempo de lazer e no espaço do Turismo.

Palavras Chave: Turismo; Lazer; Museu; Cultura e Arte.

Turismo, Lazer e Contemporaneidade

A contemporaneidade caracteriza-se por um sem número de incertezas, e uma pluralidade de possibilidades de explicações para o mundo, a vida, a realidade. Não há mais verdades absolutas e ditas universais como se observava na Idade Média quando a religião pretendia-se detentora de todas as soluções para os problemas da humanidade e única conhecedora do caminho certo para o ser humano. Ou na modernidade quando se acreditava que a razão poderia explicar tudo, que a inteligência lógico-matemática seria capaz de desvendar e definir padrões e leis básicas que regem o universo, e ainda acreditava-se em grandes sistemas que fossem capazes de explicar a vida e a sociedade.

¹ Trabalho apresentado ao GT - Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Tais reflexões são em parte baseadas no projeto de Dissertação desenvolvido no Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha “Lazer, história e diversidade cultural” com o tema: Artes plásticas e lazer: um estudo comparado entre o museu de arte da Pampulha e a Fundação Clóvis Salgado/Belo Horizonte. Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo.

² Bacharel em Turismo, Especialista em Lazer, Mestranda em Lazer – UFMG – linha de pesquisa: Lazer, História e Diversidade Cultural. Currículo lattes disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4732896Z9>

O advento das ciências humanas, a observação da limitação dos métodos quantitativos e grandes sistemas para apreender toda a realidade, e as mudanças de paradigmas que caracterizam os tempos atuais: a velocidade da informação promovida pela comunicação via satélite e via Internet, a reconfiguração de tempo e espaço possibilitada pelas linhas aéreas que ligam todo mundo, entre outras inovações dos tempos hodiernos, mudaram nossa maneira de pensar, entender o mundo e reagir à realidade. Nossa maneira de lidar com a inteligência tem mudado, hoje em dia estudos da psicologia nos mostram que não é apenas o Q.I (quociente de inteligência) que mede as possibilidades cognitivas humanas, somos dotados de inteligências múltiplas. E que cada ser, de acordo com sua vida, sua cultura, suas idiossincrasias desenvolve mais uma ou algumas delas em detrimento de outras. Segundo Morin (2001):

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das idéias, e não a propriedade de um sistema de idéias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. (p.23)

O autor nos faz repensar e redimensionar as possibilidades da racionalidade perante a nossa realidade global. Vivemos em um mundo globalizado e especialmente os ocidentais se encontram imersos neste processo. O turismo, cada vez mais, nos proporciona diálogo com diferentes realidades. Segundo Chick (2006, p. 175), o lazer e o turismo também são agentes das mudanças que observamos no mundo, permitindo trocas elementos expressivos da cultura tais como arte, musica, comida entre outros.

É também notório se observar que as instituições que outrora organizavam a sociedade e o conhecimento, como a escola, a igreja e a família, encontram-se em “crise” ante os problemas da atualidade, agravados muitas vezes pelo volume de acontecimentos de todo mundo que nos atingem com velocidade de tempo real por fazermos parte de uma sociedade globalizada. A igreja não é mais a detentora dos destinos espirituais da humanidade, uma vez que a era da informação nos insere, mesmo virtualmente, em experiências religiosas do mundo todo, o que democratiza a escolha, mas acaba com a hegemonia das instituições religiosas tradicionais no que diz respeito à explicação do sentido da vida. A escola, apesar das tentativas de modernização, mantém na maioria das vezes uma estrutura obsoleta, preocupada quase que exclusivamente com a preparação para o mercado de trabalho, e não para a complexidade da vida.

As reflexões a respeito das mudanças de paradigmas contemporâneos nos fazem repensar a nossa postura equivocada de hierarquizar as dimensões de nossa vida, colocando em primeiro lugar as necessidades de sobrevivência, priorizando o trabalho como esfera principal da existência humana e principal fonte de sentidos da vida, e a tentativa de explicar a realidade somente através do viés econômico. E o que é até mesmo mais grave: em países de realidades em que as dimensões ligadas à sobrevivência não são satisfeitas plenamente relega-se a cultura, o lazer, o turismo à esfera do fútil, ou do desejável, mas, somente acessível às camadas privilegiadas pelo sistema.

Porém, há uma tendência em se entender o lazer como dimensão fundamental da vida humana construída cultural e historicamente e o turismo em sua potencialidade de trocas culturais e enriquecimento de experiências. Permitindo-se questionar a tendência de supervalorização de certas dimensões da vida em detrimento de outras.

No Brasil, o lazer é reconhecido na constituição como direito social. Essas reflexões têm cada vez mais ganhando espaço, com a formação e fortalecimento do campo de estudos acadêmicos do Lazer e também do Turismo.

Entendo que os objetos de estudo em questão sejam complexos, se torna cada vez mais necessário que se aprofunde o olhar a respeito de ambos. Como fenômenos multifacetados, faz-se mister um olhar interdisciplinar para compreendê-los. Somente com o esforço de diversas áreas é possível avançar, entendendo o objeto de estudo de maneira global. Ao olhar o Turismo ou o Lazer apenas do ponto de vista econômico, corremos o risco de desprezar suas vertentes culturais, históricas, sociais, entre outras.

Após explicitado aqui o contexto em que nos encontramos, pretendo no presente artigo, levantar reflexões a respeito do diálogo entre lazer, turismo e espaço, tendo como ponto de partida especificamente o espaço do museu, que se faz um dos meus objetos de pesquisa atualmente.

Conceitos e diálogos

Como ponto de partida, é interessante que observemos melhor os objetos em questão, suas interfaces e possíveis diálogos. Em todos os campos de conhecimento, especialmente nas ciências humanas, há uma preocupação com discussões conceituais, para que se avance das observações do senso comum para a produção científica de conhecimento. A intenção não é



desvalorizar o conhecimento não-científico, mas partir para uma produção de conhecimento mais reflexiva, o raciocínio organizado a partir dos conceitos propostos pelos estudiosos nos ajudam a delimitar e compreender o objeto de pesquisa. Segundo Gomes (2004) o lazer é:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (p.125)

O conceito desenvolvido pela autora destaca eixos importantes para o entendimento do lazer, tais como: tempo, ludicidade, espaço. Baseando no diálogo com outros autores e seus estudos e algumas contribuições da antropologia para o campo do lazer, o define como dimensão da cultura (assim como trabalho, religião, e outras fontes de sentido da realidade humana). A vivência lúdica, comum a vários conceitos de lazer, aparece também aqui com o sentido da fruição do momento, da completude em vivê-lo e de certa forma um caráter desinteressado de participar de algo com fim em si mesmo. Para ela as manifestações culturais podem ser fruídas para diversão, descanso ou desenvolvimento:

O lazer compreende, dessa maneira, a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), dentre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que esta e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer. (Gomes, 2004. p. 124)

A noção de tempo em seu conceito é fundamental para entendê-lo: o lazer se concretiza em um tempo conquistado. Observando-se que hoje em dia não há tempo livre de tensões sociais, e é necessário elencar as atividades de maior importância para cada um; e o lazer mais do que nunca, é uma escolha, para acontecer tem que ser priorizado, independente do tempo institucionalizado para tal: finais de semana, horário após o trabalho, férias.

Há aqui uma possibilidade de diálogo com o Turismo. Embora saibamos que a definição corrente de Turismo está ligada ao deslocamento e pernoite em lugar diferente de onde se habita por período maior que 24 horas. Entendemos também que o Turismo é um fenômeno segmentado: turismo rural, turismo de negócios, turismo de lazer dentre diversas possibilidades de divisão. No entanto, é relevante destacar que em sua maior parte, o turismo

se constitui de atividades realizada nesse “tempo conquistado”, com exceção do supra citado turismo de negócios, além disso, como destacado no conceito de Gomes (2004), o passeio, a viagem são possibilidades de escolha no tempo de lazer. É importante também pensar em nosso entendimento de turismo. Não seria possível que o cidadão vivenciasse o turismo em sua própria cidade? Talvez o que motive o turismo, especialmente a atividade turística como opção de lazer, seja o contato com o diferente, contato esse que pode se realizar no próprio local onde se vive, através da emoção estética³ de se descobrir novas sensações, emoções e sabores que não se conhecia.

Ao afirmar que o lazer estabelece relações dialéticas com as “necessidades, os deveres e as obrigações”, Gomes (2004) rompe com a idéia de lazer como um fenômeno estanque e distante das outras esferas do cotidiano. Na contemporaneidade é mais próximo da realidade pensar na dialética entre as esferas, que nem sempre têm fronteiras delimitadas: o que parece obrigação religiosa, pode se configurar como lazer ou não, o turismo de negócios pode se transmutar em lazer através do descobrimento do outro, da cultura diferente, dependendo da interação individual. Uma responsabilidade familiar, uma viagem de visita a parentes pode se concretizar também em um momento de lazer. O trabalho tem tomado outras dimensões, com a internet permite-se trabalhar em casa, e introduz-se o não trabalho e a ludicidade no espaço de serviço, mostrando também que aí as esferas lazer e trabalho não são completamente estanques, mas, que dialogam o todo tempo.

Para entender lazer e turismo é interessante observar o eixo “espaço” destacado no conceito. Para a Gomes (2004) esse eixo vai além do espaço físico, porque os sujeitos podem ressignificá-lo ao apropriarem-se dele. Para compreensão mais aprofundada, lancemos mão de um conceito da Geografia. Segundo Milton Santos (1996) apud Mascarenhas (2007):

O espaço geográfico não é mero palco passivo do acontecer social, mas antes a base ativa de todo movimento, base profunda e dialeticamente articulada aos processos mais gerais da sociedade. Em suma, para compreender o lazer é preciso investigar sua espacialidade, que não por acaso, em nossas grandes cidades, reflete o modelo segregacionista, concentrando os equipamentos de lazer nas áreas mais nobres.”(p.148)

³ “O ponto de partida para todos os sistemas de estética deve ser a experiência pessoal de uma emoção peculiar...Esta emoção é chamada a emoção estética” Langer (1971 p.255)



Ao pensar a respeito da contribuição do pensamento acima, veremos que o eixo “espaço” é importante para compreensão do lazer e traço definidor de suas vivências específicas. Ao se compreender que o elemento não é apenas um “palco passivo” mas “base ativa de todo movimento”, depreende-se que nenhum espaço é neutro e traz gravado em si características tais como: tensões políticas, sociais, culturais de um povo e um tempo.

O autor levanta o exemplo da organização das nossas grandes cidades, que mostram segregação social, privilegiando alguns espaços, geralmente das elites, com equipamentos de lazer mais nobres, e em maior quantidade e qualidade de manifestações. Não se insinua aqui, que o lazer está submetido à existência de equipamentos específicos, é claro que se deve compreender que os menos favorecidos ressignificam o espaço onde se encontram, transformando locais outros em “equipamentos informais de lazer”, transformando salões de igreja, a rua, a escola em espaço de encontro fruição de vivências de lazer. A não existência do equipamento específico de lazer não impede que se experimente o lazer, porém deixa patente a segregação e restringe as possibilidades de escolha das pessoas.

Cabe aqui também, um diálogo entre o espaço e o turismo. Se para entender o lazer, o espaço é substrato fundamental para a materialização de atividades várias, podemos dizer que no Turismo, o espaço é a matéria prima da atividade. Pensar na infra-estrutura básica e na turística, na organização espacial, é de grande importância para o turismo receptivo de um local. Assim como o “atrativo turístico”, muitas vezes é a cidade em si, sejam seus recursos naturais, monumentos, aspectos culturais e artísticos, transformados e organizados como atrativos, o que muitas vezes é o motivo da visita a tal local.

Alguns autores do campo do lazer, dentre eles Melo (2005), nos convidam a pensar sobre essa questão e subsidiam o planejamento da cidade como “espaço múltiplo de lazer”(p. 14). Para o autor, na maioria das cidades brasileiras o quadro é preocupante: violência, insegurança, o tecido urbano deteriorado, isso tudo faz com que os habitantes reduzam a frequência a espaços públicos, afasta visitantes, esse autor problematiza a necessidade de políticas e ações que levem a cidade a pertencer novamente ao cidadão.

Na contemporaneidade, cada vez mais o espaço urbano é palco de inúmeros conflitos, diálogos, convivência de diferentes gostos, culturas, interesses. Magnani (2000), em seus estudos de antropologia urbana e tendo o lazer como seu objeto de pesquisa, defende o quão é legítimo tomar tal fenômeno como ponto de partida para estudar as relações sociais no meio urbano: “é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes

cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados.” (p 19). Muitas vezes essa riqueza cultural é que propicia e estimula também a vivência do Turismo. A tecnologia, o acesso à informação, o espaço virtual de discussões, a globalização, o acesso a outras culturas através de viagens, complexifica cada vez mais as relações humanas nos espaços urbanos, e é contínuo o diálogo entre diferentes culturas e ressignificação de elementos globais através de elementos da cultura local.

Marcellino (2006), diz que: “Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço” (p.66), uma vez que o lazer não é possível sem a existência de um espaço, mesmo que esse não seja um equipamento específico de lazer. Continuando, o autor comenta que é exatamente no meio urbano, onde há grandes contingentes de pessoas, que a produção cultural deveria ser mais veiculada, estimulada, pode atingir maior público. Ele também problematiza o fato de que os equipamentos específicos de lazer sejam concentrados em regiões centrais, ou de maior contingente de pessoas de classes mais favorecidas economicamente, gerando espaços públicos segmentados e “um ar de ‘santuário’ de que ainda se reveste um bom número deles” (Marcellino, 2006, p. 67).

Aqui começamos a entender a problemática do museu que por muito tempo, tem sido visto como um espaço estático, “sacralizado”, destinado à preservação da memória da humanidade. Isso provavelmente é herança da noção de patrimônio cultural que foi construída por muito tempo na sociedade brasileira, considerando-o apenas como bens móveis e imóveis que tivessem valor histórico ou artístico. Ou seja, se o patrimônio precisa ser preservado, como pode ser visitado e visto por maiores contingentes de pessoas? É constante entre o senso comum ouvir-se críticas às atividades turísticas com predatórias do patrimônio natural e cultural das cidades, e de fator que descaracteriza a vida e hábitos locais. Mas é um paradoxo entender que algo é patrimônio da humanidade e que não pode ser acessado pelas pessoas. Como dialogar perante esse possível impasse?

Apesar dos questionamentos acima, observa-se que os museus cada vez mais se abrem à visitação e conhecimento do grande público. Porém o grande público que o acessa é o estudantil, através principalmente das instituições destinadas à educação formal: as escolas. Nem sempre o museu é visto como espaço de lazer para a população em geral, apesar de ser um dos aspectos de sua definição:



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais dos povos e seu ambiente (Revista Museu, ICOM, www.revistamuseu.com.br)

Em geral, a essência da visita ao museu é a educação, o aprendizado. Porém, o lazer está contemplado na definição de tal espaço. Destacamos também que a educação pode ser uma possibilidade nos momentos de lazer que também é considerado um veículo de educação entre seus estudiosos, entendendo-o como meio de educação não-formal. Há também modalidades de turismo educacional. Além disso, os interesses intelectuais e artísticos podem ser as motivações maiores para um momento de lazer, dependendo do gosto individual. O que se observa, no entanto, é que a escola contemporânea em geral dedica-se à formação para o mundo do trabalho (concurso vestibular, aptidões profissionais, idiomas requeridos no mundo do trabalho). Em menor escala observamos a formação cultural em geral (música, turismo, lazer, artes, cultura popular e outros). Portanto as pessoas nem sempre se acostumam a ver o museu como opção de lazer, nem mesmo em ocasião de passeios turísticos. Em sua formação, habitam-se em visitá-los juntamente com a escola, que se não programam tal visita como suporte a algum conteúdo programático de seu currículo, transformam posteriormente a experiência de contato com o museu em conteúdo na sala de aula. A impressão que fica, é que essa é a única dimensão possível desse espaço, não havendo assim uma proposta de educação estética que prepara para a fruição desses equipamentos e aumentaria o leque de possibilidades de situações prazerosas para a vida de cada um.

Reflexões sobre Turismo, Lazer e Patrimônio

Durante muito tempo a idéia que se desenvolveu de museu era de espaço silencioso, repleto de objetos reluzentes. Ainda hoje há resquícios dessa imagem da qual o museu se revestiu em nossa sociedade. Para ilustrar essa afirmação, proponho a reflexão sobre uma pesquisa realizada na Tailândia sobre fatores e barreiras que influenciam as opções de lazer, Lin (2006) baseia-se em Torkildsen (1999) para levantar os principais fatores que podem afetar as escolhas das pessoas nesses momentos.

Segundo essa pesquisa, as barreiras que influenciam o lazer das pessoas são: pessoais, sociais e circunstanciais. O primeiro grupo de fatores relaciona características pessoais, tais como idade, gênero, atitude e interesses. O segundo grupo inclui profissão, renda, influência de amigos e grupos de pares. A última categoria se relaciona com recursos disponíveis e tempo de lazer, transporte e disponibilidade.

Diante desse fato, o autor prossegue, desenvolvendo suas reflexões a respeito dos fatores que afastam as pessoas de escolherem especificamente os museus no tempo de lazer, baseando-se em vários autores (Prince 1983, Merriman 1991, McLean 1997, Lin, 2004, MLA, 2004a; MORI, 2001), ele identifica dois grupos de barreiras específicas para museus – as culturais e as práticas. Barreiras culturais se relacionam com a imagem dos museus e a atitude do público para com os serviços dos museus; barreiras práticas se relacionam com questões tais como: taxas de entrada, viagem e tempo requeridos. O autor ainda elenca barreiras psicológicas e estruturais. As psicológicas se devem ao que ele chama de “senso de alienação” das pessoas em relação aos museus, o que compreendi como imagem prévia das pessoas a respeito de tais instituições; enquanto barreiras estruturais incluem problemas relacionados ao acesso físico e idade das pessoas.

As pesquisas levantam mais barreiras à opção pela visitação de museus como lazer, elas incluem: falta de interesse, falta de tempo, falta de entendimento e custo. Argumenta-se também que museus não promovem tipos de experiências as quais satisfazem as expectativas dos visitantes.

Lin (2006) comenta que Hood (1983) realizou uma pesquisa que identificou os três principais atributos psicológicos que influenciam os não visitantes de museus a escolherem passar seu tempo de lazer em outros espaços: o desejo de estar com pessoas, ou por interação social, a necessidade de se sentir confortável e tranquilo em seu redor; e o desejo por participação ativa. Os visitantes de museus, por outro lado, classificam esses atributos muito abaixo, valorizando por sua vez a oportunidade de aprender, o desafio de experiências novas, e a oportunidade de fazer algo importante.

Os dados e reflexões acima, usados para fins de ilustração, são de realidade diversa da nossa. É necessária semelhante reflexão na realidade brasileira para entender com exatidão a questão da dimensão de espaço de lazer de tais locais e seu potencial de atrativo turístico. Mas é interessante refletir em que proporção esses fatores influenciam na nossa realidade e se as barreiras aqui são semelhantes e se podem servir como ponto de partida para investigação.



Oliveira (2007) introduz uma nova visão a respeito dos museus ao comentar que:

Ao diversificar o seu próprio espaço o Museu saiu da pseudocasca que o escondia como “casa das múmias” das “coisas velhas”, do “almoxarifado da burguesia” e outros adjetivos que o puseram como lugar que possuía, digamos, “cheiro de mofo”. Já na década de 1980, após vários congressos sobre Patrimônio Cultural, a imagem do museu sobressaiu ainda mais da caixa das naftalinas. Passou a ser mais ativo na busca de novos objetos, se utilizando, em pesquisa, de novos espaços, mais abertos, aprimorando a visão entre sistema e ambiente, de uma maneira total, abarcando o artificial e o natural, ou seja: a história e a natureza, respectivamente.(p. 1)

As mudanças de paradigmas da atualidade que já foram discutidas inicialmente, e um novo olhar da administração e estudiosos dos museus, têm ajudado na mudança de pensamento a respeito da interação visitante e patrimônio. Porém é recente e ainda presente a idéia de que a memória cultural de um povo está restrita aos bens móveis e imóveis a serem preservados a qualquer custo. Hoje há uma tendência a se pensar no museu como espaço aberto à visitação, diálogo com os cidadãos e visitantes, contando de maneira dinâmica a história de cada local, sua cultura, produções artísticas. Além de outros movimentos, o desenvolvimento da atividade turística também contribuiu para a disseminação de tal idéia de museu aberto (Oliveira, 2007).

O conceito de preservação também tem sido repensado para ir além da idéia de edifício e mobília convertidos em patrimônio intocável e sagrado. Tem se valorizado o diálogo das instituições com as populações. Apesar disso, ainda há muito que se pensar a respeito da fruição de tais espaços como possibilidade de lazer, do acesso aos visitantes especialmente no que diz respeito à educação para tal.

Congressos e seminários mais recentes têm ampliado cada vez mais o conceito de patrimônio, incluindo usos e costumes e considerando elementos afetivos como critério para a preservação, Marcellino (2006). Tal conceito traz a participação comunitária para o centro das reflexões, tornando as pessoas também agentes de preservação do ambiente:

Os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos. Além disso, preservando a identidade dos locais, pode-se até mesmo aumentar, o seu potencial turístico. (2006, p. 82)

Ao identificar o que lhe dá identidade, uma comunidade seleciona o que é característica fundamental de sua cultura, como o visitante a verá. Dessa forma, o turismo ao mesmo tempo em que possibilita o diálogo com o outro, o diferente, também permite que uma comunidade repense o que tem de peculiar e o que é de destaque, o que lhe é único ao olhar do outro

reforçando seus elos de identidade. Pensando assim, o lazer e o turismo podem contribuir como preservação do patrimônio público. O lazer, através do diálogo do cidadão com sua história, seus equipamentos, possibilitando a criação de laços afetivos com tais espaços. O turismo, pelo contato, fluxo e contra fluxo entre culturas, que realça e destaca o que é de identidade local, valorizando-a.

Alguns estudiosos comentam que a democratização do lazer está ligada à democratização do espaço, e esse movimento não está só ligado à construção de equipamentos específicos do lazer, mas também no esforço por se aproximar às pessoas dos equipamentos existentes. No caso de espaços como museus, que trazem toda essa aura de “sagrado” construída historicamente, é interessante observar que:

(...) a ação democratizadora precisa abranger a conservação dos equipamentos já existentes, sua divulgação, “dessacralização”, e incentivo à utilização, através de políticas específicas e a preservação do patrimônio ambiental urbano (Marcellino, 2006)

Para o autor citado, a atmosfera de intocabilidade criada em torno desses espaços ligados aos interesses culturais e artísticos nos momentos de lazer e turismo, são em si um entrave que precisa ser superado tanto quanto todas as outras barreiras várias que se contrapõem à sua fruição. Dessa maneira a visitação a tais locais como vivência de lazer talvez seja mais possível.

As reflexões aqui indicadas não são ponto de chegada, são propostas de maneiras de olhar nossos objetos de estudo, através do diálogo entre diversas áreas. Repensar o turismo e o lazer como possibilidades de tornar os espaços “mais vivos” valorizando-os e preservando-os em consequência disso. Tornando locais de armazenamento de livros e peças em espaços de história dinâmica, e museus que outrora eram considerados locais “serios”, sem expressividade em espaços de cultura viva. É um desafio para pesquisadores, estudiosos do lazer, turismo, cultura, aprofundar tais diálogos, rever conceitos e práticas, aproximar o patrimônio cultural de seu dono por direito: a humanidade.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Referências Bibliográficas

CHICK, Garry. Leisure and Cultural Identity [in] JACKSON, E. L. Leisure and the Quality of Life: Impactos on Social, Economic and Cultural Development. Hangzhou Consensus. Zhejiang University Press. Hangzhou/China, 2006

GOMES, Christianne.L. (Org.). Dicionário Crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

LANGER, Susanne K., Filosofia em nova chave, São Paulo, Perspectiva, 1971

LIN, Yung-Neng. Leisure—A function of museums? The Taiwan perspective. Museum Management and Curatorship 21 (2006) 302–316 – disponível em <http://www.sciencedirect.com/science/journal/02604779>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, IGC., Torres, L de L. (org) Na metrópole: Textos de antropologia urbana. São Paulo. Ed. Da USP, FAPSSP, 2000, págs. 12/53.

MARCELLINO. Nelson C. O lazer e os espaços na cidade. [in] ISAYAMA, Helder F. 7 LINHARES, Meily A. Sobre Lazer e Política – maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006.

MELO, Victor A. de. Lazer, Cidade e Comunidade. Brasília: UniSesi, 2005.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Cortez Editora, UNESCO 1999, 5ª Edição, 2000

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu e a globalização. Revista do Museu. Disponível em www.revistamuseu.com.br



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. apud MASCARENHAS, Gilmar. Contribuições da Geografia ao estudo do Lazer. [in] VIII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE. 2007, Rio de Janeiro. A Temática Lazer no Âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.147-165.